

Carta sobre Escrita – 20

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Quando foi criado em Portugal o 12º ano, deram-me três turmas de Filosofia de alunos que, no final do ano, teriam de submeter-se a exame nacional. Logo no início, na chamada avaliação diagnóstica – fazer o diagnóstico para ver o estado da situação – dei-me conta de que mal sabiam ler e escrever e menos ainda interpretar. O programa da disciplina era longo e muito difícil, tão longo e difícil que foi depois cortado. Como é que conseguiríamos, eu e eles, ter bons resultados no exame? Que fazer para os ajudar?

Eu não podia desistir nem do programa, nem deles. Teria de lecionar o programa da melhor forma, única maneira de os ajudar a passar no exame, que seria exigente. Adotei, então, uma estratégia facilitadora: exigi-lhes que escrevessem um diário (não íntimo, pois seria para eu ler) com três entradas por semana. No final de cada semana, entregavam-me o que tinham escrito e eu corrigia e fazia anotações. Começaram por escrever textos da ordem do “eu fiz isto e aquilo” e eu fui-lhes dando a perceber que não interessava que escrevessem “o que” tinham feito, mas “reflexões sobre” algo que considerassem importante. E eles foram percebendo e melhorando, pouco a pouco, a sua produção. Que eu não pretendia que fosse literária, mas de reflexão. Se filosofia é reflexão, então era isso que importava cultivar. Mais: a reflexão por escrito, ou seja, expressa em texto escrito. Todos eles refilaram por este encargo não previsto e que sempre foi mal compreendido, mas no final do ano reconheceram que o “diário” lhes tinha sido uma boa ajuda.

Conto este episódio para reforçar a ideia de que a escrita se desenvolve escrevendo. E ainda, que o diário é uma boa ferramenta para desenvolver o poder de escrita. Seja escrita literária, seja de reflexão, ou outra. Mas não basta escrever, é necessário fazê-lo tentando sempre escrever melhor.

E “sempre” significa isso mesmo: sempre. Há alguma razão para que uma pessoa que quer ser escritor envie um e-mail descuidado? Ou mesmo uma mensagem breve. Quem cuida é cuidadoso.

A escrita cuidada não deve ser empolada, exagerada, grandiloquente. Cada texto deve ser adequado à função. Se eu escrevo a uma pessoa amiga, não devo adoptar o tom que usaria se estivesse a escrever um discurso para ser lido numa cerimónia oficial. Mas, atrevo-me a dizer, não deve ser escrito com menos cuidado. O tom é outro, a formalidade é outra, mas o cuidado deve ser por inteiro. Até porque o meu amigo não merece menos que uma qualquer entidade oficial a quem me possa dirigir.

E o mesmo se passa na linguagem oral. Quem cuida é cuidadoso, cuida do que faz – ou diz – seja por escrito, seja em comunicação cara a cara. Repito: não se trata de usar uma linguagem arrebitada, empinada, atontanada. Só e apenas cuidada.

O ser humano é um animal de hábitos. Habitarmo-nos a cuidar do uso que fazemos da linguagem é um modo de ir construindo o escritor que se quer ser.

Posso dar mais uma sugestão? Ler em voz alta de modo expressivo, como quem está a ler para alguém, aquilo que se escreveu. Ou mesmo obras de autores reconhecidos. É uma boa ajuda para ir aprendendo a música do texto. Um texto literário é, de algum modo, um texto musical, na música própria da língua em que é escrito. E escrever de modo literário numa qualquer língua é desenvolver a música que essa língua sempre é.

Um escritor não nasce feito, tem de fazer-se, de construir-se, através de práticas que levem a esse resultado. E têm de ser evitadas práticas que contrariem aquilo que se pretende alcançar. Não é isso que fazem os atletas de alta competição? Um grande escritor é um atleta de alta competição. Competição contra vulgaridade no uso da língua – em qualquer situação. Deixo-vos estas ferramentas de construção de um escritor. Que não substituem nenhuma outra.

Agosto de 2023

José A. Jana